

JORNAL FOLHA DO NORTE: UMA REPRESENTAÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA DA ESCOLA NORMAL DE FEIRA DE SANTANA, A PRINCESA DO SERTÃO

Edilsa Mota Santos Bastos¹ (Autora – UNEB)

Resumo

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que trata do recorte histórico sobre a Escola Normal de Feira de Santana-BA com base nas publicações do Jornal Folha do Norte. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter documental/bibliográfico. Os dados da pesquisa foram coletados na Biblioteca do Museu Casa do Sertão, localizada na Universidade Estadual de Feira de Santana; além disso, foram realizadas consultas a livros, revistas, artigos e dissertações de mestrado sobre o tema. O interesse pela temática nasceu das discussões realizadas a partir de leituras e observações voltadas para a história da educação de Feira de Santana, a partir de leituras de editoriais do Jornal Folha do Norte a respeito da Escola Normal de Feira de Santana e das discussões no Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação e Gênero - UEFS. Destaque-se a importância da referida instituição e o valor social a ela atribuído no cenário educacional da cidade nas décadas de 20 e 30 do século XX.

Palavras-chave: Jornal Folha do Norte, Escola Normal, Princesa do Sertão.

Introdução

O interesse nasce a partir das inquietações no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Gênero – GEPHEG. Pesquisar e trabalhar com uma fonte histórica que deixou profundas contribuições e que se tornou um veículo de comunicação importante para a sociedade feirense e para todos que faziam uso do mesmo como principal fonte de informação, visto que, o Jornal Folha do Norte trouxe grandes colaborações para a cidade de Feira de Santana e Região, além de contribuir para o resgate da história da Escola Normal de Feira de Santana, desde a sua criação e seus primeiros anos de funcionamento.

O Jornal Folha do Norte, criado em 17 de setembro de 1909, trata-se de semanário de grande circulação no Município de Feira de Santana e adjacências, até por volta da década de 1960, considerado um dos jornais mais antigos da Bahia, de acordo com Carneiro e Oliveira (2012), conforme se pode corroborar e pelo próprio editorial da edição de 18 de Setembro de 2015, do referido jornal. Portanto, foram valiosas as contribuições deste veículo de comunicação para o entendimento da sociedade feirense, das cidades circunvizinhas e da

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural/Pós-Crítica da Universidade Estadual da Bahia (UNEB – Campus II). Bolsista CAPES; membro do GEREL – UNEB e colaboradora do GEPHEG – UEFS. E-mail: edilsaota@hotmail.com.

relevância da Escola Normal de Feira de Santana e para a formação e avanço dos leitores a quem ele atingia.

De acordo com a visão política adotada no período de sua fundação, o Jornal Folha do Norte, deixa claro que “é órgão republicano constitucional e federalista, dispondo-se a lutar em defesa dos direitos e prerrogativas outorgadas pela Constituição do Estado”. Desde seu início, os responsáveis pelo Jornal expressavam com clareza suas convicções quanto a política que regia o Brasil da primeira parte do século XX (FOLHA DO NORTE, 1909, ANNOI, p. 02).

Segundo Sousa (2001), o Jornal Folha do Norte foi “principal órgão de imprensa da cidade de Feira de Santana na década de 20 do século XX”, e trazia em suas publicações também sobre as questões educacionais em Feira de Santana, Bahia e Brasil. Entre as quais encontra-se a entrevista do Sr. Diretor da Instrução Pública do Estado da Bahia, Anísio Spínola Teixeira, concedida ao Jornal Diário de Notícias de Salvador, em 04.04.1925, e posteriormente transcrita pelo semanário Folha do Norte, nessa publicação o educador e teórico apresentava seu interesse em implantar um sistema escolar que possibilitasse a formação de professores para atuar no ensino primário no interior do Estado.

Esse interesse se concretizou quando, por decisão do então governador do Estado da Bahia, Francisco de Góes Calmon, com base na Lei 1.846, de 14 de agosto de 1925, que promoveu as Reformas educacionais em todos os níveis na Bahia e criou duas escolas normais para o referido estado, uma na cidade de Caetité, local de origem do baiano Anísio Spínola Teixeira e na ocasião, Diretor da Instrução Pública do Estado da Bahia, e a outra em Feira de Santana.

De acordo com Sousa (2001), dois anos após tal entrevista, “em 1º de junho de 1927, era inaugurada a Escola Normal de Feira de Santana”. Na época, a cidade se destacava como sendo a segunda maior cidade do Estado, com “poder político suficiente para reivindicar ser uma das contempladas com as escolas normais” (CRUZ, 2012, p. 43 e 52).

No período em estudo, a imprensa desempenhava o papel de transmissor dos avanços vivenciados pelo Brasil, além de testemunhar a chamada civilização do povo brasileiro a partir da organização sistemática e contextualizada no âmbito “político, econômico, social e cultural”, de acordo com Martins e Luca (2013). O Jornal Folha do Norte, divulgava as opiniões e imagens que aconteciam nas distintas esferas e comunidades, incluindo os avanços educacionais, como podemos constatar nos estudos já realizados por (CRUZ, 2000 e 2012;

SOUSA, 2001; entre outros), com ampla divulgação das inúmeras atividades realizadas pela Escola Normal de Feira de Santana.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho constituiu-se em Investigar sobre as representações trazidas pelo Jornal Folha do Norte a respeito da Escola Normal de Feira de Santana, no período de 1927 a 1935. Dessa forma, entendendo o Jornal como elemento que contribuiu para levar ao conhecimento do público, aspectos importantes do funcionamento da rotina escolar.

A partir de então, o jornal Folha do Norte cumpriria um papel importante, o de presenciar e divulgar para a sociedade feirense e cidades circunvizinhas os feitos e acontecimentos nos espaços da Escola Normal e de suas atividades extramuros. A exemplo disso, durante a cobertura da comemoração do 2 de julho de 1927, o Jornal elencou os discursos dos participantes ilustres e do corpo docente da Instituição, recital de poesias, entoação do Hino à Feira de Santana e os objetivos da Escola com relação a formação dos alunos.

Vislumbramos, a partir do presente trabalho, o resgate dos aspectos, referentes a valores e funções da Escola Normal de Feira de Santana destacados nos editoriais do Jornal Folha do Norte, que possibilitou trazer à tona o olhar do mesmo sobre essa instituição escolar.

Desenvolvimento

A imprensa no Brasil se dá sobretudo com a chegada da família Real, assisti a “transformação da Colônia em Império”, a História e a Imprensa vão se amalgamando nos passos que o processo histórico e político vão acontecendo e sistematizando-se nos acordos e relações estabelecidas, nos “avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do País, da formação do seu povo, do destino nacional”, segundo Martins e Luca (2013). Mas falar das características de um jornal vai além, como a composição que contribui para a existência do mesmo.

Mas voltemos aos primórdios. A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir a transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado (MARTINS; LUCA, 2013, p. 8).

A imprensa chega ao Brasil com a Corte Portuguesa com Dom João VI em 1808 como salientam Martins e Luca. De forma bem sucinta vamos conhecer um pouco mais dessa relação histórica pela qual passa nosso País. Voltar ao passado fazendo uma (re)leitura dos acontecimentos envolvendo tal meio de comunicação que outrora tenha sido o único de peso e de grande alcance.

Os impressos que por aqui circulavam em duzentos anos não só testemunham, registram e veiculam nossa história, mas são parte intrínseca da formação do país. Em outras palavras: a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se autoexplicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, na imprensa, na política e nas instituições. Em outras, são, no mínimo, bastante próximos, pois intervenção política de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional. E os exemplos vem da Colônia, passando pelo Império, persistem na Primeira República, seguem no Estado Novo e chegam até nossos dias (MARTINS; LUCA, 2013, p. 8).

Podemos perceber nas afirmações das autoras, a trajetória da imprensa no âmbito nacional, as contribuições da imprensa para nossa história de forma a contemplar os aspectos da “política, econômica, social e cultural do país”, é por estas questões que abordamos neste trabalho um dos marcos históricos do Brasil. De acordo com nossos diálogos foi possível ressaltar a criação, inauguração e funcionamento do Jornal Folha do Norte e a relação com a Escola Normal, visto que, a criação do mesmo data aproximadamente 100 anos após a chegada da imprensa em terras brasileiras.

Para melhor compreensão dessa etapa, só foi possível através das pesquisas na Biblioteca do Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana, com o objetivo de conhecer a trajetória do Jornal Folha do Norte, no período estudado, o ano de inauguração do mesmo e os anos compatíveis ao período da pesquisa sobre a Escola Normal de Feira de Santana.

A importância das representações

A História se movimenta e configura-se nas mudanças que o tempo se propõe a fazer. O movimento que a História faz, afirma que o curso da mesma não é estático. Para compreender os fenômenos históricos concomitantemente estabelecido pela distância dos acontecimentos registrados, busca-se de forma complexa as contribuições relacionadas a “historicidade das representações sociais”, (BÔAS; SOUSA, 2011, p. 42-43).

De acordo com (PESAVENTO, 2005, p. 39), dentre o campo das configurações que regem a “Categoria Central da História Cultural” fundamentando-a dentro das representações construídas sobre o mundo, não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.

As formas integradoras e campos das representações sociais são diversas e ancoram nos lócus dos aparelhos ideológicos, bem como a família, religião, escola, trabalho, etc., é por eles e neles que a humanidade busca firmar suas identidades mediante a tais representações, propiciando ao ser humano refletir seu lugar no mundo e na História.

A Princesa do Sertão: Feira de Santana e seus aspectos históricos

Falar do “Jornal Folha do Norte: uma representação social e histórica da Escola Normal de Feira de Santana, a Princesa do Sertão”, é primordial trazermos alguns recortes históricos, a começar pelo histórico da emancipação da Cidade da Feira de Santana, conhecida também como Princesa do Sertão.

O crescimento populacional eleva-a de condição de vila à cidade em 16 de Junho de 1873, recebendo o nome de Cidade Comercial de Feira de Santana. Segundo historiadores feirenses, seu nascimento deu-se das idas e vindas das tropas de burros de cargas advindos da Capital baiana e da cidade de Cachoeira situada no Recôncavo baiano, sendo a cidade um entreposto comercial entre Salvador, cidades do interior do semiárido baiano e outros Estados do Nordeste, como pode ser visto a seguir:

Os pernoites, as paradas transitórias de toda essa gente que, partindo do ponto de Cachoeira, onde se abastecia dos vários gêneros de que necessitava, embrenhando-se pelos sertões, para de lá voltar trazendo outras mercadorias, que naquele porto seriam embarcadas, possibilitaram o início de uma feira que se formou tornando-se ‘centro de permuta’. Com isto os pousos tornaram-se mais prolongados uma vez que muitos sertanejos faziam final do seu trajeto aqui, não indo até Cachoeira, isto é, preferiam esperar os intermediários daquela cidade, com eles aqui se encontrando. Por esta razão muita gente não só de Cachoeira, como do sertão, deve ter fixado residência na Fazenda Santana dos Olhos D’Água. Surgiu assim o povoado. Era a primeira metade do século XIX(...). (CRUZ, 2000, p. 50).

O período de sua emancipação se deu no fim do século XIX. Segundo Sousa (2001), já na segunda década do século XX, Feira de Santana “ostentava o título de maior cidade do

interior da Bahia”. A Cidade de Feira de Santana crescia comercialmente, tornou-se uma das cidades mais conhecidas no Brasil por suas atividades econômicas. Um entreposto comercial importante e localizada na entrada para o semiárido baiano, descrita como:

Cidade mulher, sedutora, atraindo forasteiros e hóspedes – boiadeiros, vaqueiros, negociantes. Cidade tronco de estradas. Cidade de encontros e feiras. Cidade de aguadas, de descanso de jornadas. Feira de Santana. *Arraial de Sant’ Anna dos olhos d’ Agua das moças*. Sant’ Anna mãe. Sant’ Anna mestra. Feira de Santana, a segunda maior cidade da Bahia. Era predestinação. (SOUSA, 2001, p. 97).

A cidade foi se desenvolvendo nas décadas após sua emancipação, ganhando características de cidade comercial e de grande importância econômica para o Estado da Bahia, cidades da região feirense e outros Estados próximos:

Contudo, a feira do gado continuava a ser a principal atividade econômica do município e da região, congregando feirantes e criadores de todo o país, principalmente do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo todas as segundas – feiras, em pleno centro da cidade, no campo do gado, a menos de um quilômetro da Avenida Senhor dos Passos, a principal da cidade. Tão perto que, hoje, o campo do gado virou a praça onde está o Fórum Filinto Bastos, centro da cidade (SOUSA, 2001, p. 100).

É digno de nota observar, que as características de cidade comercial, de pecuária e agrícola andavam juntas. Ainda de acordo com a autora, outras novidades foram chegando para o desenvolvimento da cidade. Pouco mais de uma década, Feira de Santana ocuparia a quinta posição em número de população entre os demais municípios do Estado, contando com 83.268 como relata Cruz (2000, p. 51).

Escola Normal de Feira de Santana: criação, inauguração e funcionamento

Os primeiros passos para a criação da Escola Normal de Feira de Santana são testemunhados pelo jornal Folha do Norte que a partir de então faz-se presente em todos os acontecimentos ligados a chegada do que viria ser o progresso educacional para o município e adjacências. De acordo com CRUZ:

Segundo os jornais da época, em especial o Jornal Folha do Norte, o governo tinha muitos motivos para instalar uma escola normal em Feira de Santana. Em primeiro lugar, estava a importância que essa cidade possuía para as cidades circunvizinhas. Via-se nela, um centro de irradiação comercial e cultural, para onde pessoas, advindas das diversas localidades, acorriam com o intuito de buscar serviços educacionais inexistentes em seus municípios e a dificuldade de acesso à capital. (...) Em segundo lugar, dados estatísticos revelavam que parte das escolas rurais que o Estado possuía naquele período estava confiada a leigos, o que representava um obstáculo ao desenvolvimento da educação no estado da Bahia. Por essa razão, um dos objetivos fundamentais da Escola Normal de Feira de Santana era formar mestras e mestres para alfabetizar as populações rurais do Município e dos municípios circunvizinhos (CRUZ, 2000, p. 55-56).

Percebe-se que com base no perfil da cidade, por estar situada em um entroncamento importante, ser um entreposto comercial de grande relevância para a região, cidades circunjacentes e estados próximos à Bahia, Feira de Santana ganha notoriedade para receber uma Escola Normal, desta feita, o Folha do Norte (Nº 932, p. 1) afirma: “aparelhamento indispensável à derrama de educadores, de que tanto havemos mister para alfabetização das populações rurais que a urbis se vem a tornar centro e núcleo de irradiação intelectual” (conf. Analisa CRUZ, 2000).

Os sinais foram aparecendo aos poucos para a implantação da Escola Normal em Feira de Santana, de acordo com as mudanças pelas quais o Brasil passava, a educação era uma delas como mencionadas anteriormente. Dentre as reformas educacionais em todo o território nacional:

Em 14 de agosto de 1925, foi aprovada e sancionada a Lei 1.846, proveniente dos esforços do então governador do Estado da Bahia, Francisco Góes Calmon (1924 a 1928), auxiliado pelo educador baiano Anísio Teixeira, que era o diretor-geral da Instrução Pública. A referida lei tratou da reforma do ensino do Estado da Bahia.

Essa lei, além de promover reformas educacionais na Bahia, criou duas escolas normais no interior do Estado, uma delas destinada, posteriormente, a funcionar na cidade de Feira de Santana, com o nome de Escola Normal de Feira de Santana, foi inaugurada em 1º de junho de 1927 (CRUZ, 2012, p. 43).

De acordo com Cruz (2012, p. 52), “via-se nela um centro de irradiação comercial e cultural”. A Escola foi inaugurada, em 1º de Junho de 1927, no edifício do antigo Grupo Escolar Dr. J. J. Seabra, localizado à Rua Direita, atual Rua Conselheiro Franco, onde funciona atualmente o *Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA)*, órgão ligado à Universidade Estadual de Feira de Santana.

Segundo Cruz (2000), autoridades de vários setores da sociedade fizeram-se presentes: o representante titular da Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado da Bahia (Anísio Spínola Teixeira); os docentes, previamente nomeados pelo Governo do Estado; os discentes selecionados para compor a primeira turma (com vinte e uma alunas, e mais dezenove alunos oriundos do extinto Grupo Escolar J. J. Seabra); corpo administrativo e representantes de outros setores da sociedade.

O momento da inauguração foi festivo, o comércio feirense baixou suas portas em respeito ao evento, as repartições públicas de igual modo, conforme aponta a Ata da Congregação da Escola Normal, de junho de 1927. Autoridades políticas, a exemplo do governador do Estado na época, viam na cidade a importância comercial e cultural, e por sua localização possibilitar a busca por serviços educacionais, pois, a Capital ficava distante, além

de que os municípios vizinhos não dispunham de quadros educacionais qualificados para o exercício do magistério.

Objetivos da Escola Normal

No período em que foi criada a Escola Normal de Feira de Santana, o ensino primário na sede do Município e, principalmente, no meio rural do nosso Estado encontrava-se, em sua maioria nas mãos de professores sem formação no magistério. Atendendo aos reclames por instrução nos anos 20 e anos subsequentes do século XX, o educador baiano e, então, Diretor Geral da Instrução Pública, entre 1924 e 1928, Anísio Spínola Teixeira, instigou o governo Góes Calmon a criar na época, duas Escolas Normais para o interior da Bahia, sendo, posteriormente, escolhidas para abrigar as referidas escolas a Cidade de Feira de Santana e a Cidade de Caetité.

Assim, à medida que se finda o século XIX e se inicia o século XX, o ensino na Bahia era organizado em três níveis: “elementar, secundário e normal” (SOUSA, 2001, p. 41). O curso normal formava mestras e mestres para atuar na educação da infância. As Escolas Normais foram criadas com objetivo de instruir as crianças, a fim de “civilizar” os futuros cidadãos da nação ainda tão jovem.

O intento da Escola Normal de Feira de Santana fundamentou-se em parte, formar mestras para atuar nos sertões. Como já ressaltamos, a educação primária estava nas mãos de leigos, o número de escolas existentes no meio rural não correspondia às necessidades das crianças em idade escolar. Ainda nos primeiros anos de funcionamento da Escola Normal, a necessidade de professores para o ensino primário continuava.

O Currículo da Escola Normal, A Didática da Escola e Público que Frequentava

A partir da Lei 1.846, no artigo de nº 199, no Currículo da Escola Normal de Feira de Santana, ficou estabelecido o tempo que duraria o curso no interior do Estado. Do 1º ao 4º Ano Normal, cada escola tinha autonomia para aplicar a Didática, com base no artigo 121 da referida Lei.

As disciplinas eram: No 1º. ano: Português, Francês, Geografia Geral e Cosmografia (Astronomia descritiva), Aritmética e Álgebra, História do Brasil, Desenho e Caligrafia, Prendas, Trabalhos Manuais e Educação Física; no 2º. ano o currículo era composto de:

Português, Francês, Geografia do Brasil, Geometria, Ciências Naturais, Noções de História Universal, Agricultura, Desenho, Trabalhos Manuais, Prendas e Educação Física; no 3º ano eram ministradas as disciplinas: Língua Portuguesa e Noções de Literatura, Pedagogia, Ciências Físicas, Higiene Geral, Agricultura, Música, Trabalhos Manuais, Economia Doméstica, Educação Física e Didática. No 4º ano as disciplinas eram: Didática, Agricultura e Educação Física, Canto Coral e Higiene Escolar.

É digno de nota salientar que o Currículo da Escola Normal de Feira de Santana diferia pouco para indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino, a exceção daquelas ligadas às prendas do lar (trabalhos com agulha, bordados etc.) feitos apenas pelas alunas. O ensino que permeava a Escola Normal era tradicional, embora trouxesse aspectos de inovação nas excursões aos arredores da cidade (nas chamadas aulas de campo), aulas de técnicas agrícolas e demonstrassem interesses em comum com a Escola Nova.

Em alguns relatos de professorandas da Escola Normal, nota-se que a instituição promovia palestras, comemorações cívicas, excursões, cursos de férias e o comprometimento dos alunos com as atividades. Mas, em depoimentos de professoras formadas pela Escola Normal de Feira de Santana apareciam também elementos de uma educação ainda tradicional. Vejamos o que afirma uma depoente entrevistada pelo professor Cruz, formada em 1942:

Eu me lembro que nós fazíamos ditados, era uma coisa obrigatória. Fazíamos ditado de quinze a vinte linhas, [...] Era obrigado a fazer descrição, dissertação e narração. Então fazia todos os dias aquele ditado, depois corrigia os erros, assinalando assim, marcava em baixo da palavra errada, copiava a palavra certa, mandava-se copiar, cinco vezes, dez vezes cada palavra [...] A gente usava muito o dicionário, isso me ajudou a ampliar meu vocabulário [...]. (CRUZ, 2000, p. 65).

A Escola Normal de Feira de Santana, ao passo que utilizava uma metodologia empírica, também permitia ao aluno abraçar, de certa forma, as novas tendências educacionais, fosse através da Geografia na construção de mapas coloridos, nomes e ditados de palavras, passeios pela cidade e pelo campo, baseando-se nas disciplinas ministradas naquele Estabelecimento de Ensino, características das novas tendências da Escola Nova da década de 1930.

Até o início da segunda metade do século XX, a maioria dos alunos que frequentavam a Escola Normal era predominantemente do sexo masculino, era um ambiente fechado para o gênero feminino, no entanto, com a necessidade crescente de mão-de-obra para a construção civil e técnica para atender a demanda fabril, os homens foram aos poucos deixando o magistério. Mediante essa questão, as autoridades viam na mulher a possibilidade de conciliar o ser esposa, mãe, dona de casa e professoras:

Paralelamente à valorização das escolas normais, ocorre também enriquecimento de seu currículo, ampliação dos requisitos para ingresso e sua abertura ao elemento feminino. As primeiras escolas normais – de Niterói, Bahia, São Paulo, Pernambuco, entre outras – foram destinadas exclusivamente aos elementos do sexo masculino, simplesmente excluindo-se as mulheres ou prevendo-se a futura criação de escolas normais femininas. Aliás, mecanismos de inclusão refletiam-se mesmo na escola primária, onde o currículo para o sexo feminino era mais reduzido e diferenciado, contemplando o domínio dos trabalhos domésticos. Nos anos finais do Império, as escolas normais foram sendo abertas às mulheres, nelas predominando progressivamente a frequência feminina e introduzindo-se em algumas a co-educação (TANURI, 2000, p. 67).

Quando formou-se a primeira turma para a Escola Normal de Feira de Santana, foram as alunas em sua maioria que se matricularam, trazendo uma nova perspectiva para o âmbito educacional da cidade e municípios circunvizinhos.

Folha do Norte: o jornal mais longevo do interior da Bahia

O jornal Folha do Norte, mediante o já anunciado, foi um semanário de grande circulação na Cidade de Feira de Santana e cidades circunvizinhas, nasceu em 17 de Setembro de 1909. Como todo veículo de imprensa, foi criado para atender objetivos defendidos por seus idealizadores, dentre os quais se destacam as ideias políticas, sociais e econômicas. Com o passar do tempo, foi assumindo a postura do status quo (defendia UDN de Feira de Santana, em 1964 da ARENA com o Regime Militar). Noticiava desde de candidaturas políticas a nascimentos de bebês das famílias mais abastardas da sociedade feirense e circunjacentes.

O Jornal Folha do Norte, que teve como principais idealizadores Tito Ruy Bacelar 1909/1910; Arnold Ferreira da Silva 1910/1923, dentre outros nomes, ligados à mesma família, que deram sequência ao funcionamento do jornal a contento, como Raul Ferreira da Silva 1923/1968; Oyama Pinto da Silva 1968/1971; Dálvaro Ferreira da Silva 1971/1973; José Luiz Navarro da Silva 1973/2003 e Hugo Navarro Silva 2003/2015. Observa-se, que sua inauguração ocorreu um século após a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil e o nascimento da Imprensa Régia sob a responsabilidade de D. João VI “em 10 de setembro de 1808, o primeiro jornal foi publicado no país: a *Gazeta do Rio de Janeiro*” de acordo com Nova (1999).

Considerações

As investigações realizadas para desenvolver este trabalho, permitiram o levantamento de diversas informações sobre a temática e, ao mesmo tempo, suscitaram

diversos questionamentos. Apesar de correr riscos “de perder-me no caminho” como diz Goldenberg (2004) sobre os problemas que podem surgir nas pesquisas qualitativas, procuramos atingir o objetivo proposto de analisar as representações do jornal Folha do Norte sobre a Escola Normal, apesar desta se constituir uma pauta que envolveu muito o jornal durante o período estudado.

A relação do Jornal Folha do Norte com a Escola Normal de Feira de Santana, ao longo da história, sempre ocorrera de forma a valorizá-la o máximo possível, principalmente nos primeiros anos da criação da instituição de ensino. Através das publicações realizadas pelo semanário, percebe-se que o mesmo estivera constantemente presente no cotidiano da Escola, na exaltação das comemorações significativas da Instituição, tais como eventos e datas comemorativas.

A partir das representações do jornal a Escola Normal usufruía de espaço privilegiado nos corações e nas mentes dos feirenses. Como esclarece Pesavento (2005) as representações “[...] são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”, continua a autora, as representações construídas “fazem com que os homens percebam a realidade e pautem sua existência”. Nos limites desta pesquisa tivemos contato sobre a dinâmica da Escola Normal de Feira de Santana, através dos registros significativos dos acontecimentos da Escola Normal de Feira de Santana, com base nas representações construídas pelo Folha do Norte.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. OLIVEIRA, Mariana Fagundes de. (orgs). Publica-se em Feira de Santana: *das cartas de leitores e redatores e os anúncios em O Progresso e no Jornal Folha do Norte (1901 – 2006)* – Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

CRUZ, A. R. S. *Mestras e mestres para o sertão: criação e funcionamento da Escola Normal de Feira de Santana*. In: Revista Sitientibus, Feira de Santana n. 31, p. 143 – 168, jul./dez 2004.

CRUZ, Antonio Roberto Seixas da. *Mestras no Sertão: Reconstituindo Caminhos Percorridos* (Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado) Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador – Ba.

